

Brazilian Journal of Development

O professor e o aluno do ensino fundamental em sala de aula: indisciplina ou indícios de TDAH?

The teacher and student in classroom education: indiscipline or ADHD?

DOI:10.34117/bjdv5n9-109

Recebimento dos originais: 29/08/2019

Aceitação para publicação: 17/09/2019

Saturnino Machado de Oliveira Neto

Doutorando em Ciências da Educação pela Universidade Autônoma de Assunção/UAA.

Instituição: Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR-CT)

Endereço: Av. Sete de Setembro, 3.165 Curitiba, Paraná, Brasil.

E-mail: saturnino.machado@gmail.com

Marcelo Alexandre Siqueira De Luca

Mestre em Engenharia de Produção e Sistemas pela PUC/PR.

Instituição: Faculdades OPET.

Endereço: Av. Iguaçu, 755, Curitiba, Paraná, Brasil.

E-mail: consultoriadeluca@gmail.com

Fabiano Barreto Romanel

Mestre em Engenharia Civil pela UFPR.

Instituição: Faculdades OPET.

Endereço: Av. Iguaçu, 755, Curitiba, Paraná, Brasil.

E-mail: fabiano.romanel@opet.edu.br

Altemir Cordeiro

Mestrando em Ciências da Educação pela Universidade Autônoma de Assunção/UAA.

Instituição: Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR-CT).

Endereço: Av. Sete de Setembro, 3.165 Curitiba, Paraná, Brasil.

E-mail: altemircordeiro@yahoo.com.br

José da Silva Maia

Doutorando em Ciências da Educação pela Universidade Autônoma de Assunção, UAA.

Instituição: Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR-CT).

Endereço: Rua Ivo Leão, 463, ap. 1201. Alto da Glória, Curitiba, Paraná, Brasil.

E-mail: jsmaia49@gmail.com

Neuza Maria Siqueira Nunes

Doutoranda em Ciências da Educação pela Universidade Autônoma de Assunção/UAA.

Instituição: Universidade Candido Mendes (UCAM).

Endereço: Rua David de Souza 33. Bom Jesus do Itabapoana, Rio de Janeiro, Brasil.

E-mail: neuzamsnunes@gmail.com

Romildo Alves dos Prazeres

Doutorando em Ciências da Educação pela Universidade Autônoma de Assunção/UAA.

Instituição: Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR-CT).

Endereço: Rua Jorge Batista Crocetti 272, Capão da Imbuia, Curitiba, Paraná, Brasil.

E-mail: romildoeng@hotmail.com

Marta Rejane Proença Filietaz

Doutora em Distúrbios da Comunicação pela Universidade Tuiuti do Paraná (UTP);

Instituição: Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR-CT).

Endereço: Rua Corbélia, 1731, Jardim Alto Tarumã, Pinhais, Paraná, Brasil.

E-mail: martafiletiz@hotmail.com

José Antonio Torres González

Doutor em Ciências da Educação pela Universidade de Jaén, Es (UJAEN/ES).

Instituição: Universidade Autônoma de Assunção/UAA.

Endereço: Rua Jequi 667, Assunção, Paraguay.

E-mail: jtorres@ujaen.es

RESUMO

Este artigo é desenvolvido no contexto da psico pedagogia, e tem como objetivo “propor uma sistemática para os professores de Ensino Fundamental a distinguirem comportamentos de indisciplina de indícios de TDAH de seus alunos em sala de aula (crianças de 7 a 12 anos incompletos)”. O estudo é desenvolvido como uma pesquisa explicativa/analítica, bibliográfica e qualitativa, valendo-se da coleta de dados em fontes secundárias (artigos, livros, trabalhos científicos). Tem como base principal as obras de Garcia (1999), Freller (2001), Estrela (1992), Vasconcellos (1994), Benczik e Rohde (1999), Topczewski (1999) e Diniz Neto e Sena (2007), dentre outras, as quais levam a argumentações e conclusões pelo método dedutivo. Justifica-se sua elaboração por responder uma questão polêmica na atualidade: “Como o professor de Ensino Fundamental pode distinguir os comportamentos de indisciplina ou indícios de TDAH em sala de aula? Tem como resposta cinco passos de ações, em um crescente de conhecimentos. Os quatro primeiros dirigem-se a conhecer pessoalmente o aluno a julgar, se auto conhecer didática-profissionalmente, saber o que é a indisciplina do aluno em sala de aula, o que é o TDAH, e quais os comportamentos característicos do estágio cognitivo das operações concretas. E o quinto faz a distinção entre os comportamentos das crianças. Conclui-se que: (a) Aluno de comportamento normal (tem comportamento esperado junto à turma; quebra regras e preceitos apenas quando motivado pelo professor; e não tem indícios de TDAH). (b) Aluno de comportamento indisciplinado (quebra regras e preceitos do professor ou da escola sem motivação do professor; e não tem indícios de TDAH). (c) Aluno com indícios de TDAH (Quebra regras e preceitos do professor ou da escola sem motivação do professor e tem indícios de TDAH).

Palavras-chave: Educação, Indisciplina. TDAH. Aprendizagem. Atitudes em sala de aula.

ABSTRACT

This article is developed in the context of psychopegogy, and aims to “propose a systematic for

Elementary school teachers to distinguish ADHD indisciplin behaviors from their students in the classroom (7 to 12 year olds incomplete)”. The study is developed as an explanatory / analytical, bibliographical and qualitative research, using data collection from secondary sources (articles, books, scientific papers). Its main base is the works of Garcia (1999), Freller (2001), Estrela (1992), Vasconcellos (1994), Benczik and Rohde (1999), Topczewski (1999) and Diniz Neto and Sena (2007), among others, which lead to arguments and conclusions by the deductive method. Its elaboration is justified by answering a controversial question today: “How can the elementary school teacher distinguish the behaviors of indisciplin or signs of ADHD in the classroom? Its answer is five steps of actions, in a growing Knowledge. The first four are directed to know the students to judge, to know themselves didactically-professionally, to know what is the students indisciplin in the classroom, what are ADHD, and what are characteristic behaviors of the cognitive stage of the operations concrete. And the fifth distinguishes between childrens behaviors. It is concluded that: (a) Student of normal behavior (expected behavior with the class; breaks rules and precepts only when motivated by the teacher; and has no evidence of ADHD). (b) Student of unruly behavior (breaks teacher and school rules and precepts without teacher motivation; and has no evidence of ADHD. (c) Student with ADHD evidence (Breaks teacher or school rules and precepts without teacher motivation and has ADHD evidence.

Keywords: Education, Indisciplin. ADHD Learning. Attitudes in the classroom.

1. INTRODUÇÃO

A indisciplin em sala de aula constitui-se em um problema (SANTOS, 2001; GARCIA, 1999; AMADO, 2001), e os professores não estão preparados para lidar com ela (FRELLER, 2001). Não conseguem distinguir com propriedade os comportamentos indisciplinados dos indícios de TDAH, em seus alunos, podendo acarretar rotulações injustas: “alunos problemáticos”, “crianças elétricas”, “bichos carpinteiros” e afins (FRELLER, 2001; OLIVEIRA, 1996).

Assim, envolvendo “Professor”, “Estágio das operações concretas de Piaget“, “Indisciplin do aluno em sala de aula”, e “Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade – TDAH” lança-se este estudo. Seu objetivo é “propor uma sistemática para os professores de Ensino Fundamental a distinguirem comportamentos de indisciplin de indícios de TDAH de seus alunos em sala de aula (crianças de 7 a 12 anos incompletos)”. E seus objetivos específicos são: identificar o que é a indisciplin do aluno em sala de aula; verificar o que é o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade; conhecer quais são os comportamentos normais de uma criança no estágio cognitivo das operações concretas.

Neste sentido, e partindo da premissa que: (a) os resultados deste trabalho poderão impactar positivamente sobre a sociedade e a ciência. (b) uma questão problemática e polêmica na atualidade é resolvida: “Como o professor de Ensino Fundamental pode distinguir os comportamentos normais, indisciplinados ou os indícios de TDAH de seus alunos em sala de aula?”; (c) os comportamentos indisciplinados são essencialmente negativos, atrapalham a aprendizagem escolar, revelam falta de educação, ataque ou patologia e devem ser enfrentados por medidas moralizadoras, punitivas, ou médico-psicológicas (FRELLER, 2001, p. 17); (d) ao falar-se de TDAH “conhecer os sintomas e aprender a lidar com esse problema é uma obrigação de qualquer professor que não queira causar danos a seus alunos” (FERREIRA; LEITE, 2004, p. 1); justifica-se o trato do tema e desenvolve-se o trabalho.

O trabalho é caracterizado como uma pesquisa explicativa/analítica, básica, bibliográfica e qualitativa; com coleta de dados em fontes secundárias (livros, periódicos, trabalhos científicos e afins). O tratamento dos dados é crítico-dissertativo e, pelo método dedutivo, após argumentações / discussões pertinentes; chega-se ao resultado principal da pesquisa. Assim, limitando-se a identificação de indícios de TDAH somente as crianças de 7 a

12 anos em sala de aula, e por parte do professor e, partindo-se das premissas de que: (a) a criança tem comportamento normal se estiver dentro do esperado para a turma; (b) só é possível falar de indisciplina em sala de aula, se existirem regras e preceitos lançados pelo professor, que possam ser descumpridos; (c) as atitudes de “indisciplina” do aluno em sala, só assim poderão ser consideradas, se não forem motivadas pelo professor; (d) os comportamentos esperados no estágio cognitivo das operações concretas, não devem ser vistos como indícios de TDAH; (e) o comportamento coletivo em sala de aula pode influenciar no comportamento da criança e, não pode interferir em um julgamento precipitado de TDAH; (f) para ser chamada de criança, a pessoa não deve ter ainda doze anos de idade completos, conforme o Art. 2º da Lei 8069/90 – “Considera-se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade”, desenvolve-se o trabalho.

Estruturalmente é desenvolvido segundo quatro seções (exceto introdução e conclusão). A primeira identifica o que é a indisciplina do aluno em sala de aula e como se manifesta. A segunda verifica o que é TDAH e quais os seus principais sintomas. A terceira reconhece quais são os principais comportamentos “normais” das crianças de 7 a 12 anos no

estágio cognitivo das operações concretas. E a quarta apresenta argumentações e discussões acerca da distinção entre os comportamentos dos alunos do Ensino Fundamental (normais, indisciplinados, e indícios de TDAH), pelo professor e em sala de aula.

2. INDISCIPLINA DOS ALUNOS EM SALA DE AULA

O termo indisciplina está diretamente relacionado a quebra de regras, desordem, falta de seguimento a preceitos (ESTRELA, 1992; FERREIRA, 1986; LA TAILLE, 1996); Ainda como manifestação de uma insatisfação da pessoa (criança) a estímulo externo (REGO, 1996), e como uma forma de comunicação ou linguagem (GARCIA, 1999).

Sobre a indisciplina escolar, refere-se à conduta dos alunos na socialização e no desenvolvimento cognitivo (GARCIA, 1999). Não pode ser observada nem julgada pelo professor de forma simples, visto que o comportamento dos alunos depende de um sistema de compensações que envolve três parâmetros (comportamento normal, indisciplinado e indícios de TDAH). Estes parâmetros são interdependentes entre si, de tal sorte que um 8823 comportamento “anormal” (indisciplinado) pode ser considerado normal sob o ponto de vista cognitivo ou da socialização.

Consensualmente entre os professores, os alunos são na escola o que trazem de casa (PAPPA, 2004). No contexto da sala de aula, a indisciplina surge como uma insatisfação por parte dos alunos (FRELLER, 2001). Os professores acabam desmotivando os alunos a assistirem as aulas, conforme mostra-se nos depoimentos dos alunos de Ensino Fundamental de Vasconcellos (1994, p. 79):

“Aula chata é onde só o professor fala, aluno não pode dar a sua opinião. Aula fica parada”. “Tem professor que acha que tem que terminar o livro em um ano, tem que fazer tudo rápido; não adianta tem que comentar discutir. Ele corre, mas ninguém aprende”. “Professor fica mais preocupado com a imagem dele diante do colégio, que com a responsabilidade de educar aluno. ‘Eu tenho que dar esta matéria, senão, no ano que vem, o que vão pensar de mim?’” “Professor diz que tem que aprender aquilo para ter uma base; mas depois ele mesmo não está preocupado que a gente aprenda mesmo (...)”.

Nota-se que é “preciso saber ouvir e compreender a mensagem que se esconde por trás do comportamento manifesto indisciplina” (ROSENBERG apud VASCONCELLOS, 1994, p. 50); Crianças apresentam comportamento reativo e condizente com a postura

e preocupação do professor em sala de aula (VASCONCELLOS, 1994); sendo a indisciplina uma reação ao descaso dos professores.

Ilustrando, Freller (2001) expõe que brigas, discussões, bagunças, falar alto, imitar animais, são exemplos de indisciplina em sala de aula. Expõe o depoimento de alunos do Ensino Fundamental de escolas públicas de São Paulo:

“Indisciplina é aluno que não respeita que zoa, que briga, quando o professor nem merece, é porque não quer nada com nada” diz C., aluno de quinta série “Para mim indisciplina é bagunça sem motivo, que atrapalha os outros e não tem razão”, explica M., aluno de terceira série. “Eu queria uma escola sem bagunça, sem muleque que conversa nas aulas de Português e que fica zoando da professora que tenta explicar”, escreve Z., aluna de sexta série. 8824 “Tem uns folgados que não quer saber de estuda e zoa até na aula de professor legal. Esses tinha que para de estuda e vê se cuidava da vida e não atrapalha aqui na escola”, escreve G., aluna de quinta série. “Quando o professor é abusado, eu também apronto, mas as aulas boas tem que aproveita, e quem quer que deve ficar fora da sala, que pelo menos não atrapalha os outros”, escreve H., aluno de quarta série (FRELLER, 2001, p. 61-62)

E também mostra como os alunos se justificam.

“O professor vive mandando para a diretoria quando eu brigo, mas ele não vê que mexe comigo, e eu não vou escutar quieto, feito bobo”, conta J., aluno de segunda série. “Eu vou emprestar a borracha e ela já vem brigando, não deixa ir no banheiro, grita qualquer coisa. Não pode nem ir apontar o lápis que ela acha errado, para mim isso não é indisciplina não”, explica H., aluna de segunda série. “Tem professor que se acha (o bom), tudo pra ele é bagunça, conversar, vai para a diretoria, esquecer o caderno, vai para a diretoria”, conta R., aluno de quinta série. “A orientadora manda advertência quando a gente cabula, sem saber qual aula é. Tem aula que dá na mesma ficar fora ou dentro da sala”, confidencia T., aluno de oitava série. “As vezes a gente levanta é para pedir explicação e para mostrar a lição, e leva o maior carão, eu não acho isso certo não, enquanto os moleque bagunça a professora não faz nada” Redige F aluna de classe de aceleração. “Outro dia a classe toda começou a irritar tudo que é animal, o professor de matemática saiu batendo a porta e a diretoria deu suspensão para toda a classe, mas ele não contou que tinha dado prova surpresa e zero para a classe toda, sem ter explicado a matéria, só porque ficou com raiva e veio descontar na gente”. Conta K. aluna de 6ª série (FRELLER, 2001, p. 61-62)

Finaliza com o depoimento de duas alunas do Ensino Fundamental que, obrigadas a escrever mais de cem vezes a frase “nunca mais vou fazer bagunça nem desrespeitar a professora”, juntamente com toda a turma, assim se manifestaram:

Eu escrevi as cem vezes, mas não pensa ela que vai conseguir que eu pare de conversar (...) Ela não pode fazer isso com a gente, nós temos o direito de conversar baixinho se acabamos a lição e não temos nada o que fazer. Ela não vai conseguir que a gente fique quieta, nem que a gente tem que escrever mil vezes (FRELLER, 2001, p. 62).

Por tudo, a indisciplina em sala de aula se manifesta através da quebra de regras e preceitos. O estágio cognitivo do aluno não deve motivar a indisciplina em sala de aula, e a indisciplina dos alunos, motivada pelo professor, não deve ser encarada como indisciplina dos alunos.

3. TRANSTORNO DE DÉFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE – TDAH

O TDAH é um transtorno mental (BENCZIK; ROHDE, 1999), que atinge cerca de 3 a 6% da população mundial de crianças de 7 a 14 anos (BENCZIK; ROHDE, 1999). Manifesta-se na idade escolar (DINIZ NETO; SENA, 2007), sendo que na maioria das vezes tem sintomas relacionados à desatenção, impulsividade e inquietação (BENCZIK; ROHDE, 1999). Suas causas estão relacionadas a disfunções em transmissores neurais, onde uma substância que transmite as informações entre as células nervosas é a dopamina.

Nos hiperativos, existe uma disfunção na dopamina, a qual afeta especificamente uma parte anterior do lobo frontal do cérebro. Conforme Teixeira (2008, p. 22) Esta parte do cérebro é:

responsável pelo comportamento e pelo controle de certos comportamentos, tais como: atenção, capacidade de controlar impulsos, capacidade de “filtrar” as coisas que não interessam para aquilo que se está fazendo no momento, sejam elas externas (distratores do ambiente) ou internas (pensamentos), capacidade de controlar o grau de movimentação corporal, capacidade de se estimular sozinho para fazer as coisas, capacidade de controlar as emoções e não permitir que elas interfiram muito no que está fazendo entre outra.

O que acaba então acarretando em problemas de controle da atenção, da atividade, da impulsividade, da obediência às regras e do rendimento escolar (...) A

transmissão do TDAH é genética, onde aproximadamente 35% dos pais e 17% das mães dos hiperativos são também hiperativos (TEIXEIRA, 2008).

Acerca da desatenção, Benczik e Rohde (1999), Diniz Neto e Sena (2007), Topczewski (1999), Campos (2003), Ribeiro (2006), Ferreira e Leite (2004) caracterizam-na pela falta de concentração “estar no mundo da lua”, dispersão e perda de coisas com facilidade.

Sobre a impulsividade apontam à imprudência, intromissão em conversa dos outros e responder perguntas antes que tenham sido acabadas. E ainda sobre a inquietação caracterizam-na pela falta de persistência, tendência de ficar mudando de atividades sem acabá-las, agitação excessiva, desorganização, não parar quieto e ficar remexendo as mãos e pés quando sentados.

Com relação ao diagnóstico do TDAH, Diniz Neto e Sena (2007, p. 21-22), com base no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-IV-TR), dizem que se forem verificados simultaneamente na criança os cinco aspectos:

- a) Seis ou mais dos sintomas relacionados à desatenção, hiperatividade ou impulsividade se manifestarem de forma mal-adaptativa ou inconsciente em uma criança por mais de seis meses,
- b) A criança já tiver tido alguns dos sintomas do TDAH antes dos sete anos de idade,
- c) Os sintomas do TDAH forem verificados em dois ambientes diferentes (Exemplo – casa e escola),
- d) Os sintomas do transtorno perturbem de fato o portador, (e) os sintomas devem ser constantes e não concomitantes com outros problemas de origem psiquiátrica ou orgânica; a criança deve ser encaminhada a um neurologista para melhor acompanhamento e possível tratamento.

Ressalta-se como importante à verificação da frequência dos sintomas para possível enquadramento da criança como portadora de TDAH, conforme expõe Teixeira (2008, p. 20-21):

Verificar a duração dos sintomas de desatenção e/ou hiperatividade / impulsividade quando é iniciado o processo de diagnóstico de um quadro de TDAH. Esses sintomas devem ocorrer em vários ambientes da vida da criança (escola, casa) e manterem-se ao longo do período avaliado. O clínico que irá iniciar esse diagnóstico inicial deve ser alertado se os sintomas ocorrem em casa ou somente na escola para a possibilidade de ser devido a desestruturação da família ou de um sistema de ensino inadequado. Flutuações de características não podem ser considerados com o portador de TDAH.

Antes de se começar qualquer tratamento específico deve-se proceder um exame físico na criança, a fim de eliminar possíveis diagnósticos equivocados de TDAH por infecção crônica do ouvido médio, sinusite, problemas de vista e de ouvido e problemas neurológicos (ABRICHAIM, 2001).

“Não existe um exame específico que identifique o TDAH, nem outros distúrbios como o Autismo e a Esquizofrenia. Ainda a melhor ferramenta para colher dados é uma boa anamnese que é uma conversa detalhada com os pais ou os cuidadores” (TEIXEIRA, 2008, p. 21).

Desde que firmado o diagnóstico de TDAH, por um médico especialista, existem duas formas básicas de tratamento. Uma é pela psicofarmacoterapia através do Metilfenidato (ritalina), Dexedrina (dextroanfetamina) e Cylert (pemolina) (DINIZ NETO; SENA, 2007; TEIXEIRA, 2008), a qual fragiliza a criança em troca da minimização da angústia dos pais (JANIN, 2004). E outra é através do tratamento multidisciplinar que envolve a psicoterapia, a fonoaudiologia a família e a escola; que é considerada a melhor opção na atualidade (ROHDE; HALPERN, 2004).

Deve-se usar de critério para a escolha da forma de tratamento, visto que o tratamento errado pode ser causador de danos a vida pessoal, familiar e social do portador (físicos, psíquicos, sociais e morais) (LEIBSON et al., 2001)

4. O DESENVOLVIMENTO COGNITIVO DAS OPERAÇÕES CONCRETAS

Neste período, e conforme Piaget (1976), a criança reorganiza seu pensamento e deixa de confundir o real com a fantasia. Tem inspiração na realidade concreta e nela vê os exemplos que compõe o seu aprendizado. Apresenta raciocínio predominantemente descritivo e intuitivo, partindo do geral para o específico, e interioriza algumas regras sociais e morais que vão conduzindo seu modo de vida.

Ainda segundo Piaget (1976), neste estágio as crianças desenvolvem um sistema organizado de pensamento, o qual se baseia em símbolos. Buscam descrever o ambiente, ao invés de explicá-lo, e tornam-se menos egocêntricas. Tem sua intuição reduzida em função das coisas concretas, e o desenvolvimento crescente de sua inteligência. Começam a se tornar mais responsáveis, inclusive no convívio social, além de cada vez mais analíticas.

Os porquês começam a ser uma constante, e a emancipação dos adultos torna-se visível. Com relação ao comportamento, em casa as crianças buscam no pai a figura do ídolo e querem cada vez mais independência. Na escola tem espírito competitivo, assim

como busca a reconstrução de um mundo próprio. A organização mental fica cada vez mais integrada, e a flexibilidade de pensamento permite diversas aprendizagens. As análises lógicas tornam-se constantes, e o sentido de construção passa a ser o ideal de vida. As birras e a imposição de vontades próprias começam a aparecer, assim como situações de conflito entre professor e aluno.

Gesell (1998, p. 122 - 204) diz que as crianças entre 7 e 10 anos apresentam comportamento ativo, agressivo e violento em ambientes adversos ; espírito crítico e de competição; movimentos ágeis; concentração no que interessa; tendência de mexer em objetos de outras crianças; tendência de subir em móveis; sentimento de lealdade e defesa do grupo; espírito de liderança e solidariedade. E que as crianças de 10 a 12 anos tem comportamento mais receptivo, menos agitado e com aprendizado na base das comparações com o mundo real. No mesmo sentido reforça Galvão (1998, p. 103):

No cotidiano escolar são comuns as situações de conflito envolvendo professor e alunos. Turbulência e agitação motora, dispersão, crises emocionais, desentendimentos entre alunos e destes com o professor são alguns exemplos de dinâmicas conflituais que, com frequência, deixara a todos desamparados e sem saber o que fazer. Irritação, raiva, desespero e medo são manifestações que costumam acompanhar as crises, funcionando com o “termômetro” do conflito.

Deve-se entender que uma coisa é o estágio cognitivo da criança, outra coisa são os comportamentos que se manifestam devido a este estágio. De um lado a criança tem o despertar de habilidades cognitivas, de outro estas habilidades acabam por afetar suas emoções e, conseqüentemente, seus comportamentos individuais e coletivos.

5. O PROFESSOR E A OBSERVAÇÃO DO COMPORTAMENTO DO ALUNO EM SALA DE AULA

O professor deve ser capaz de incentivar suas capacidades/potencialidades, medir suas reações, despertar seus interesses pelo saber/aprender, e formá-los com qualidades humanas, intelectuais e lógicas desejáveis a pessoa humana. Deve conhecer os alunos sob as condições que lhe envolvem para que então possa julgá-los. Parte-se da premissa que o professor deve:

(a) Saber o que é um “aluno de comportamento normal”, um “aluno com comportamento indisciplinado” e um “aluno com indícios de TDAH”;

(b) Conhecer o aluno pessoalmente sob as condições ambientais e familiares que lhe envolvem;

(c) Deve se conhecer didática-profissionalmente com relação a preocupação ensino aprendizagem dos alunos; para então ter condições de julgá-los. Assim, e buscando resposta a questão: “Como o professor pode distinguir esses três tipos de comportamentos em seus alunos na sala de aula?”, constrói-se uma linha de raciocínio sobre as premissas lançadas.

Para não julgar errado o comportamento de seus alunos, o professor deve entender que:

a) Aluno de comportamento normal é aquele que apresenta comportamento esperado para a turma.

b) Aluno indisciplinado é aquele que, com motivação ou não pelo professor ou pela escola, quebra regras, preceitos e é desobediente face a um comportamento coletivo. Entenda-se um aluno que foge do comportamento da maioria e, buscando chamar a atenção (inclusive por uma expressão de insatisfação com o professor ou 8829 afins), tem na briga, na discussão, na bagunça, na intromissão das conversas, na correria, na barulheira e na quebração, as melhores maneiras de manifestação;

c) Aluno com indícios de TDAH, entenda-se aquele que, por comportamentos e sintomas de desatenção, inquietação ou impulsividade, não para quieto, sentado, fica mexendo as mãos e pés de maneira desesperada, fica correndo pela sala e subindo nos móveis injustificadamente, se intromete na conversa dos outros sem qualquer motivo, faz intromissões sem nexos inapropriadas no andamento da aula, dispara em corridas absurdas e descabidas entre os colegas, parece ficar no “mundo da lua” e semelhantes.

Deve considerar o aluno como único em uma turma heterogênea, observando que:

a) Cada aluno deve ser encarado como um ser único, com comportamentos próprios e condicionados a condições ambientais e genéticas. Não pode ser julgado como de comportamento anormal dentro do contexto de uma turma heterogênea (com relação a indícios de TDAH). Visto que um aluno criado em uma família humilde do Nordeste brasileiro, deve ter um comportamento em sala de aula diferente de um que foi criado em um bairro nobre do Rio de Janeiro, (apesar dos dois poderem ter a mesma idade e poderem estar frequentando a mesma sala de aula);

b) O aluno não pode ser rotulado como indisciplinado ou portador de TDAH se faz bagunça ou é inquieto como “legítima defesa” aos descasos do professor. Afinal, o aluno está expressando uma revolta/insatisfação a postura do professor. Por todo o exposto,

argumentado e discutido, toma-se por certo que as premissas da seção quatro para julgar o comportamento dos alunos em sala de aula (a), (b) e (c) são verdadeiras.

Levando-se em conta que o professor deve julgar o comportamento de seus alunos sob uma visão sistêmica, propõe-se a sistemática de distinção entre comportamentos indisciplinados de indícios de TDAH conforme figura 1.

Figura 1- Estratégia para o Professor do Ensino Fundamental distinguir comportamentos de alunos em sala de aula (Comportamento normal, indisciplinado e com indícios de TDAH)

| O QUE O PROFESSOR DEVE FAZER |
|--|
| Deve conhecer pessoalmente o aluno que quer julgar, inclusive através das suas condições ambientais, familiares, sócio-econômicas, culturais, necessidades, expectativas, desejos, e afins. |
| Deve se auto-conhecer didática-profissionalmente, inclusive com relação à preocupação ensino-aprendizagem. |
| Deve saber que comportamentos são mais comuns de indisciplina em sala de aula e quais as manifestações mais frequentes de uma criança que tem TDAH. |
| Deve conhecer quais comportamentos dos alunos podem ser considerados normais (estágio de desenvolvimento das operações concretas e respectivos comportamentos). |
| Deve distinguir o comportamento dos alunos |
| 1 - Aluno de comportamento normal |
| ✓ Tem comportamento esperado junto à turma. |
| ✓ Quebra regras e preceitos do professor e da escola somente quando é motivado pelo professor; |
| ✓ Não tem indícios de TDAH. |
| 2 - Aluno de comportamento indisciplinado: |
| ✓ Quebra regras e preceitos do professor ou da escola sem motivação do professor. |
| ✓ Não tem indícios de TDAH. |
| 3 - Aluno com indícios de TDAH |
| ✓ Quebra regras e preceitos do professor ou da escola sem motivação do professor. |
| ✓ Tem indícios de TDAH: |
| Falta de concentração (estar no mundo da lua), dispersão e perda de coisas com facilidade, imprudência, intromissão em conversa dos outros, responder perguntas antes que tenham sido acabadas, falta de persistência, tendência de ficar mudando de atividades sem acabá-las, agitação excessiva, desorganização, não parar quieto e ficar remexendo as mãos e pés quando sentados. |

Fonte: os autores.

Observa-se, entretanto, que as ações sugeridas não esgotam o assunto. Dão sim, um passo importante no incremento ao estado atual do conhecimento.

6. CONCLUSÃO

Por tudo, identificou-se que um aluno indisciplinado em sala de aula é aquele que não segue regras/preceitos, ou que quer demonstrar um descontentamento com o professor/aula. Seus comportamentos típicos são: brigar, xingar, fazer bagunças, correr pela sala de aula, subir pelas carteiras, atirar bolinhas de papel nos colegas, se intrometer na conversa dos outros e ter atitudes impróprias a um ambiente. Verificou-se que o TDAH é

um transtorno mental que atinge parcela significativa (3 a 6%) das crianças em idade escolar (7 a 14 anos). Manifesta-se por comportamentos de desatenção, inquietação e impulsividade, dentre os quais os mais comuns são: não conseguem ficar parado, ficam se mexendo injustificadamente quando sentados, correm por ambientes de forma descontrolada e injustificada, ficam se arranhando de maneira descontrolada, tem dificuldade de concentração, esquecem tarefas rotineiras com facilidade e afins. E reconheceu-se que no estágio cognitivo das operações concretas a criança passa ver o mundo de maneira mais lógica e analista, tornando-se crítica e curiosa na base dos porquês.

Foram encontradas dificuldades pertinentes ao procedimento de pesquisa (bibliográfico), o que leva a sugestões para trabalhos futuros. Sugere-se que outras pesquisas sejam desenvolvidas com maior profundidade bibliográfica, ou através de procedimentos de pesquisa participante com técnicas de observação direta, a fim de que os resultados atingidos possam ser verificados (inclusive por possíveis diagnósticos médicos de TDAH).

REFERÊNCIAS

ABRICHAIM, C. **Colaboradores da saúde mental**. 2001. Disponível em: Acesso em: 09 jun. 2009.

AMADO, J. A indisciplina e a formação do professor competente. 2001. Disponível em: <abedcorposalutar.com.br.php?>. Acesso em: 19 jun. 2017.

BENCZIK, E. B. P.; RODHE, L. A. P. **Transtorno de déficit de atenção hiperatividade: o que é? Como ajudar?** Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

CAMPOS, S. de. Psiquiatria e psicologia: transtorno do déficit de atenção e hiperatividade infantil. 2003. Disponível em: <http://www.drashirleydecampos.com.br/noticias/11619>. Acesso em: 11 jun. 2017.

DINIZ NETO, O.; SENA, S. da S. **Distraído e a 1000 por hora: guia para familiares, educadores e portadores de transtorno de déficit de atenção/hiperatividade**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

ESTRELA, M. T. **Relação pedagógica, disciplina e indisciplina na aula**. 3. ed. Portugal: Porto, 1992.

FERREIRA, A. B. H. **Dicionário Aurélio**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FERREIRA, J. P.; LEITE, N. T. C. **Hiperatividade X Indisciplina: contribuições para o cotidiano escolar**. 2004. Disponível em: <http://www.profala.com/arthiper7.htm>.

FRELLER, C. C. **Histórias de indisciplina escolar:** um trabalho de um psicólogo numa perspectiva Winnicottiana. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

GALVÃO, I. Henry Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

GARCIA, J. **Indisciplina na escola:** uma reflexão sobre a dimensão preventiva. Revista Paranaense de Desenvolvimento, Curitiba, p. 101-108, jan. /abr. 1999.

GESELL, A. **A criança dos 5 aos 10 anos.** 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____. **El adolescente de 10 a 16 años.** 4. ed. Buenos Aires: Paidós, 1971.

JANIN, B. **Niños Desatentos e Hiperactivos:** Reflexiones críticas acerca Del Trastorno por Déficit de Atención con o sin Hiperactividad. Buenos Aires: Centro de Publicaciones Educativas y Material Didáctico, 2004.

LA TAILLE, Y. de. **A indisciplina e o sentimento de vergonha.** In: AQUINO, Júlio Groppa (Org.) Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas. 3. ed. São Paulo: Summus, 1996.

LEIBSON, C. L. et al. **Use and costs of medical care for children and adolescents with and without Attention-Deficit/Hyperactivity Disorder.** JAMA, n. 285, p. 60-66. 2001.

OLIVEIRA, J. **Estatuto da criança do adolescente:** Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990. 7. ed. atual. ampl. São Paulo: Saraiva, 1996.

PAPPA, J. S. **A (in) disciplina e a violência escolar segundo a concepção de professores do ensino fundamental.** 2004. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2004.

PIAGET, J. **Seis Estudos de Psicologia.** Rio de Janeiro: Forense, 1976.

REGO, T. C. R. A indisciplina e o processo educativo; uma análise na perspectiva vygotskiana. In: AQUINO, Júlio Groppa (Org.) Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1996.

RIBEIRO, P. M. **Transtorno de déficit de atenção por hiperatividade/ TDAH.** 2006. Monografia (Especialização em Psicopedagogia) Universidade Candido Mendes, 2006.

ROHDE, L. A.; HALPERN, R. **Transtorno de déficit de atenção/hiperatividade:** atualização. Jornal de Pediatria, Rio de Janeiro, v. 80, n. 2 (supl), Porto Alegre, abr. 2004.

SANTOS, B. **Gestão da sala de aula para prevenção da indisciplina: que competências? que formação?** 2001. Disponível em: <http://www.educ.fc.ul.pt/recentes/mpfip/pdfs/brancasantos.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2017.

TEIXEIRA, V. S. S. L. **Entendendo os portadores do TDAH**. 2008. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Distúrbios da Aprendizagem). Centro de Referência em Distúrbios de Aprendizagem, São Paulo, 2008.

TOPCZEWSKI, A. **Hiperatividade: como lidar?** São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

VASCONCELLOS, C. dos S. **Disciplina: construção da disciplina consciente interativa em sala de aula e na escola**. São Paulo: Libertad, 1994.